

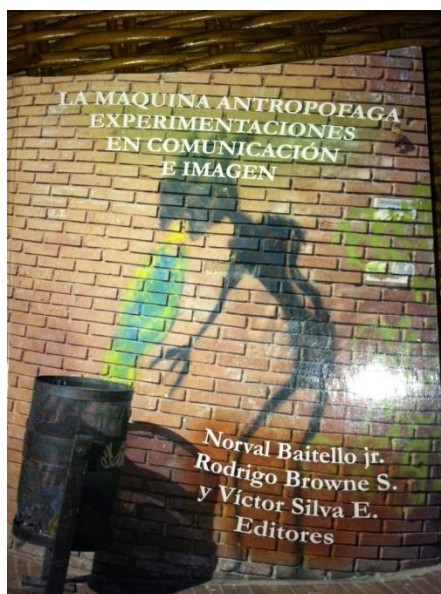
# **A máquina antropófaga**

João Paulo Lopes de Meira Hergesel

Recebido: 19 out. 2014

Aprovado: 26 out. 2014

Universidade de Sorocaba – UNISO. Alumínio. SP. Brasil. Contato com o autor: [j.hergesel@edu.uniso.br](mailto:j.hergesel@edu.uniso.br).



BAITELLO JUNIOR, Norval;

BROWNE SARTORI, Rodrigo; SILVA ECHETO, Victor. (Org.).

**La máquina antropófaga.**

Experimentaciones en comunicación e imagen.

Universidad Austral de Chile/Centro Interdisciplinar de Semiótica da Cultura e da Mídia.

Sevilla: ArCiBel, 2013.

“Tupi or not tupi”, citação famosa de Oswald de Andrade, talvez fosse a frase de efeito mais indicada para uma suposta epígrafe da obra aqui resenhada. O livro – dividido em duas partes, mais o texto de apresentação, o capítulo intermediário e o epílogo, que se distribuem em 161 páginas – reúne trabalhos de pesquisadores hispanófonos, lusófonos e anglófonos sobre a possível consolidação da Comunicação como teoria crítica da Cultura, com uma passagem intensificada pela Antropofagia.

Na primeira parte, nominada *De los antropófagos paulistas al devorar culturas de Vilém Flusser*, há a reunião de autores que fundamentam suas ideias em teorias flusserianas e oswaldianas, propondo a internacionalização da comunicação artística como um aspecto positivo à cultura global. Já na segunda parte, intitulada *De la antropo a la ontofagia. Devorando las artes, la filosofía y la comunicación*, ocorre uma amálgama de pensamentos acerca da influência cultural que vem se estabelecendo tanto na filosofia como nas artes, em prol de uma comunicação contemporânea universalizada.

No primeiro capítulo, *La máquina antropófaga. Barroco, neobarroco y antiesteticismo*, de Victor Silva Echeto e Rodrigo Browne Sartori, retoma-se a finalidade das vanguardas surgidas na primeira metade do século XX em contraponto ao barroco e ao neobarroco, tal como buscam uma definição para o que seria a antropofagia, mencionando Oswald de Andrade e Tarsila do Amaral como precursores do movimento no Brasil. Além de se citarem algumas obras consagradas do período, também defende-se que a arte deixou a linearidade para se tornar mais criativa e define-se a máquina antropófaga como um processo de desestabilização, o surgimento da virtualidade, que rompe não apenas com as origens do referente mas também com a metafísica da presença.

No segundo capítulo, *Bienal de São Paulo: um experimento antropofágico*, de Vinicius Spricigo, discute-se a função da curadoria de um evento internacional de arte como contribuição para a eliminação do elitismo e para a construção de um processo mais democrático para as práticas artísticas; como exemplo, usa-se o caso da 22.<sup>a</sup> Bienal de São Paulo, que fez o trabalho de Hélio Oiticica ascender a nível universal. Lança-se, então, um questionamento sobre se a modernização da cultura latino-americana atende às expectativas da globalização da arte moderna e se essa internacionalização de artistas periféricos contribui para a desconstrução da hierarquia de cânones.

No terceiro capítulo, *Escrita que devora imagem que devora escrita*, de Norval Baitello Junior, confecciona-se uma linha do tempo tematizando o desenvolvimento do ideário antropofágico. Inicia-se em Oswald de Andrade, que foi duramente criticado por seu olhar devorador e por seu pensamento visceral, referendado por Vilém Flusser, e parte para exemplos de artistas antropófagos, como Monteiro Lobato e Mário de Andrade, que transformaram relatos de viajantes em narrativas modernas. Em resumo, explora-se a máxima flusseriana de que, ao entrar em contato com o outro, o ser encontra-se (e identifica-se) com o diferente de si e, portanto, torna-se sujeito.

No quarto capítulo, *On Spiders, Amoebas, Vampire Squids and Worms: Vilém Flussers Metaphors of Devoration and Digestion*, de Rainer Guldin, retomam-se algumas

metáforas elaboradas por Vilém Flusser e propagadas em suas obras a respeito do que seriam devoração e digestão. Para isso, usa-se a teoria de que a chamada antropofagia filosófica ocupa-se de que a digestão necessita de dois processos: absorver e expelir, ou seja, absorve-se a noção, o raciocínio, e expele-se a ideia criativamente transformada. Chega-se à consideração de que devorar, portanto, é tomar determinada ideia para si; digerir é processá-la e reformulá-la para a criação de um novo pensamento.

No quinto capítulo, *Comunicação dialógica e comunicação discursiva em Vilém Flusser*, de José Eugenio Menezes, retoma-se a visão flusseriana de que a Comunicação é um processo inventado pelo homem a fim de combater a angústia gerada pela certeza da morte; a Comunicação, portanto, é um universo simbólico que se estabelece para romper com a natureza humana. A partir de então, cria-se uma discussão acerca da diferença entre discurso e diálogo, sendo que o primeiro é a troca de informações com o propósito de constituir uma nova informação, e o segundo é o compartilhamento de informações na esperança de resistir à entropia da natureza. Por fim, numa experiência de comunicação dialógica, são relacionadas algumas dúvidas que podem gerar novas pesquisas aos leitores.

No sexto capítulo, *Políticas del comer*, de Valentina Bulo, fortalece-se a visão de que comer é destruir o limite que existe entre dois corpos: para complementar a ideia de que dois corpos não ocupam o mesmo espaço, tem-se a Antropofagia, que nada mais é do que um corpo engolir o outro, dissolvê-lo e disseminá-lo. Após analisar o trabalho de Oswald de Andrade e de (a autora) relatar experiências pessoais, atinge-se a ideia de que comer e consumir são o mesmo fenômeno, bem como a de que a boca é a parte mais significativa do corpo humano, pois ocupa-se das funções de comer e falar – e beijar, que seria a maior aproximação pelo toque.

No capítulo intermediário, *Arquitecturas sagradas & rituales antropófagos em la sociedad Mapuche/Williche del sur de Chile*, de Juan Carlos Olivares, a caracterização da cultura regional que o autor se propõe a abordar é feita em forma semelhante a um diário de bordo, um relato pessoal, ainda que em terceira pessoa. Fazendo uso de uma narrativa com forte tendência ao texto descritivo, há um registro da viagem feita, sobretudo com enfoque nos rituais canibalesco das comunidades, em que os sujeitos de estudo se tornam personagens de uma diegese com tempo e espaço determinados. Enquanto produção acadêmica, o texto desconstrói inclusive, a ideia de que a contribuição científica deve ser feita em forma de dissertação.

No sétimo capítulo, *Los bigotes de la Mona Lisa*, de Álvaro Cuadra, o estilo artístico de Marcel Duchamp é retomado e ponderado como uma suposta manifestação pós-moderna à

frente de seu tempo, já que se refere a três condições da cultura atual: a convergência tecnocientífica, a abordagem sobre a crise da linguagem e a expansão da sociedade do consumo. Por isso, considera-se, na pesquisa, que o “efeito Duchamp” (o resumo da arte em algo efêmero, cinético e frio) supera o conceito de benjaminiano de aura – campo que se fundamenta em uma velocidade circulatória, cuja produção e formas de decifração são dependentes da rotação.

No oitavo capítulo, *Sedación y violència del mirar*, de Malena Segura Contrera, existe a defesa de uma não existência daquilo que é existente. Em outras palavras, discute-se a impossibilidade humana de compreensão do real, o que compromete a ausência de subjetividade no trabalho do jornalista, uma vez que este trará um contexto particular acerca da informação, aplicando-o à forma como a transmitirá. Por outro lado, isso não é algo relevante para o leitor, visto que o que interessa não é a mensagem, e sim fazer parte dela. Ao recriar um provérbio – “acesso e sou acessível, logo existo” – a pesquisa direciona ao fechamento e conduz para a reflexão de que a comunicação contemporânea, *ipsis litteris*, “se impõe como uma majestosa e onipotente ponte sobre e para o nada”.

No nono capítulo, *Sedación y fagocitación del cuerpo: El fenómeno de la desaparición em Paul Virilio*, de Carolina Norambuena e Mauricio Macilla, o corpo começa a ser tratado na visão de Nietzsche, como o fio condutor de qualquer tipo de interpretação, e chega à visão de Virilio, de que a biotecnologia transformou o corpo em uma máquina e que os traços comunicacionais (como subjetivismo e determinação técnica) passaram a ser cada vez mais imprecisos. Esse fenômeno seria o gerador de uma sociedade telemática, em que a materialidade dá lugar à virtualidade.

No décimo capítulo, *Canibalismo, antropofagia y ontofagia: glosas imaginarias del otro*, de Ricardo Viscardi, há uma ampliação sobre as diferenças entre antropofagia e canibalismo, enquanto ontofagias (modos de alimentação). Para a antropofagia, o foco é devorar algum outro em conteúdo, sentido e conceito; para o canibalismo, ramificação da antropofagia, só é válido devorar o semelhante. Com uma metáfora, o autor nos mostra que existem dois tipos de “semelhanças”: a *semejanza* (humana) e a *semblanza* (divina). É entendível, nesse sentido, que ocorre canibalismo quando há a apropriação da *semejanza* (para constituir um modernismo brasileiro, for exemplo, foi necessária a devoração do modernismo europeu); e ocorre algum outro tipo de antropofagia quando a devoração está ligada a outra área, outra época, outro contexto, algo mais distante, mais virtual.

O epílogo é ocupado pelo texto *Da gula*, de Vilém Flusser, que se propõe a traçar, de maneira poética, os elementos diferenciais entre fome e gula. Primeiramente, há uma menção

aos sábios orientais, os quais ignoram a existência dessa diferenciação, e a afirmação de que é o ocidente que enxerga a fome como um fenômeno natural e a gula como uma manifestação pecaminosa. Mesmo assim, Flusser insiste em refletir sobre o que se entende por gula e chega à consideração de que ela é uma forma pervertida. O ser humano passou a devorar a natureza e a própria sociedade humana (por exemplo, em testes que medem o quociente de inteligência) como forma de ser maior do que a engrenagem da vida. No entanto, por mais que o ser humano tenha deixado de ser alimento de lobos e de vírus, a gula não passa de uma ilusão: ele ainda é devorado pelo que há acima dele, ou seja, a morte.

A obra, como um todo, revela-se de leitura prazerosa, instigante e indispensável para comunicólogos e culturólogos cujos interesses estão voltados para o estudo ou para a produção de narrativas midiáticas e para o entendimento da globalização e atualização das técnicas artísticas enquanto mídia. O conteúdo é uma valiosa contribuição ao meio acadêmico e que, certamente, tende a servir de embasamento para diversos trabalhos científicos na área.